



Economia Política da Violência: uma nota sobre Rosa Luxemburgo e Henryk Grossman

Rosa Rosa Gomes
Lincoln Secco

A violência política é apenas o veículo do processo econômico
(Rosa Luxemburgo)¹

Henrik Grossmann foi um expoente da escola de Frankfurt e se destacou em 1929 como o mais profundo crítico da obra *A acumulação do capital* de Rosa Luxemburgo e também de seus críticos socialdemocratas (Otto Bauer, Karl Kautsky etc).

Ele questiona a tese de Rosa Luxemburgo, a qual deriva a possibilidade do colapso do capitalismo a partir da contradição entre a produção de mais valia e a sua realização.² Grossmann diz que o colapso tem causas imanentes ao processo de valorização do capital,³ notadamente na queda tendencial da taxa de lucro.

Mas por que o colapso não se realiza? Ele cita as causas (*Ursachen*) contrárias:⁴ barateamento do capital constante, aumento da taxa de mais valia, diminuição dos custos da força de trabalho, redução do tempo de rotação do capital.

-
1. Rosa Luxemburgo, *A acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo* (São Paulo, Nova Cultural, 1985, p. 309).
 2. H. Grossmann, *La Ley de la Acumulacion y del Derrumbe del Sistema Capitalista: Una Teoria de la Crisis* (México, Siglo XXI, 1979, p. 35).
 3. Ibidem, p. 184.
 4. Ibidem, p. 119.

Mas o problema que deu origem ao livro de Grossmann havia sido posto por Rosa Luxemburgo alguns anos antes. Ela percebeu que há uma tendência à insuficiência da demanda efetiva porque para se produzir mais bens de capital (departamento I) é preciso aumentar a produção de bens de consumo (departamento II) e, conseqüentemente, seu consumo. Mas quem consumiria os produtos excedentes se o objetivo dos capitalistas é sempre gerar mais lucro, restringindo seu consumo e investindo mais na produção, enquanto os trabalhadores estão limitados pelo salário, não podendo consumir além dele? Assim, não seria possível entender a acumulação de capital dentro do próprio modo de produção capitalista em sua forma pura como fez Marx no volume II de *O Capital*.

Neste modo de produção faz-se necessário a existência de outras formas produtivas que o alimentem, essa é a resposta de Rosa para o problema da acumulação e sua explicação para o imperialismo.

A sociedade precisa deixar de lado seu fim precípua (sua própria satisfação) para produzir meios de produção. É necessário poupar, abster-se de consumir mais, para desviar recursos à produção de meios de produção. O capital precisa se acumular superando a contradição entre poupança e investimento. Ele o faz em áreas externas e através da demanda do Estado.

“a poupança, isto é, a abstenção do consumo, que é condição prévia para que possa haver acumulação, destrói a motivação para acumular. Em outros termos, um aumento da poupança deve induzir os capitalistas que produzem bens de consumo a reduzir sua atividade porque seus mercados se contraem. Desse modo, eles reduzirão suas compras de meios de produção, o que deve induzir os capitalistas que os produzem a igualmente reduzir sua atividade. Havendo, por outro lado, uma diminuição da poupança, os capitalistas serão induzidos a aumentar sua atividade, só que eles não disporão de meios para fazer isso, pois o excedente acumulável terá ficado menor. [...] A contradição entre poupança e acumulação mostra que esse modo de produção só pode funcionar normalmente, isto é, em acumulação cada vez mais intensa, inserido num meio não capitalista, que lhe fornece um mercado ‘externo’ em expansão”.⁵

5. SINGER, Paul. Apresentação. In: LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação do capital*, cit., p. XL.

Ela colocou o problema em termos de valor. Embora seja contraditória algumas vezes em sua obra, notou que Marx só tinha interesse em analisar o capitalismo puro (no qual só existiriam capitalistas e operários) e não uma formação social concreta capitalista que coabita com modos de produção “primitivos”. Apesar de sua crítica a esse pressuposto de Marx, ela sabia que os esquemas de reprodução dele (volume II de *O Capital*) só serviam para explicar a possibilidade de reprodução capitalista, eram modelos explicativos.

Em sua *Anticrítica*, Rosa Luxemburgo diz:

“... para que a acumulação do capital total ocorra, pois, na classe inteira dos capitalistas, é necessário que existam certas relações quantitativas bem determinadas entre os dois grandes departamentos da produção social, ou seja, o da produção dos meios de produção e o da produção dos meios de subsistência. [...] E, para apresentar suas idéias com toda clareza, nitidez e precisão, Marx desenvolve um modelo matemático, um esquema de números inventados. [...] Marx utiliza os esquemas matemáticos como exemplos”.⁶

Preocupada em desenvolver uma teoria do imperialismo, ela foi estudar a obra marxiana, *O Capital*, e encontrou um buraco no livro 2, aquele que faria a ponte entre o capitalista individual e o sistema como um todo. Notou que haveria um problema de realização da mais valia em um sistema fechado, ou seja: se há acumulação é porque uma parte a mais, sobrando, só pode ser realizada (vendida ou trocada) fora do sistema. Para ela, em mercados externos (os quais significam “mercados não capitalistas”). Assim, ela define:

“A realização da mais-valia é, de fato, a questão vital da acumulação capitalista. [...] a realização da mais-valia exige como primeira condição um círculo de compradores fora da sociedade capitalista”.⁷

“Mercado externo é para o capital o meio social não-capitalista que absorve seus produtos e lhe fornece elementos produtivos e força de trabalho”.⁸

6. LUXEMBURGO, Rosa. “Anticrítica”. In: Rosa Luxemburgo, *A acumulação do capital*, cit., p. 341.

7. *Ibidem*, p. 241.

8. *Ibidem*, p. 251.

O que Rosa faz a partir dessa análise é descrever o processo histórico da acumulação capitalista até a fase do imperialismo. Esta descrição constitui aquilo que Marx chamava de acumulação primitiva, mas colocada como o próprio modo da acumulação de capital e não uma fase passada da história do capitalismo. O próprio Marx concebia aquele processo como algo desigual no território e de longa duração.

Já Grossmann sustenta que as mercadorias que se transferem aos países periféricos não são doadas, mas vendidas ou trocadas por outras mercadorias. Por isso continuaria o problema de sua realização (venda) quando ingressassem no país central.⁹ Ele considera o pensamento de Rosa mercantilista, e não de uma fase de exportação de capitais.¹⁰ Também rechaça o consumo de prestadores de serviços porque “o caráter imaterial destes últimos faz impossível utilizá-los para a acumulação de capital. O caráter material das mercadorias é um pressuposto necessário de sua acumulação”.¹¹ Por fim ataca a ideia de Rosa de que o estado militarista consome outra parte da mais valia posto que “do ponto de vista do capital global o militarismo é um setor de consumo improdutivo”.¹² Com avanço inimaginável da indústria militar e da produção “imaterial” mostra-se como Grossmann estava errado nestes dois aspectos.

O Militarismo

A obra de Luxemburgo, com todas as suas contradições, tem contribuições importantes para o debate da atualidade sobre o papel do Estado, das periferias e do militarismo dentro do capitalismo.

Para Rosa Luxemburgo, a acumulação capitalista só ocorre através da expansão sobre as formas não-capitalistas e, mais especificamente, se desenvolve na destruição destas. Assim, a violência está presente em todo o desenvolvimento desse modo de produção. Já em 1911, a tônica do discurso de Rosa era a necessidade de problematização do militarismo, esclarecendo suas relações com a política colonial e a sobrevivência do capitalismo. Este não era possível sem o primeiro e, por isso, o discurso da paz só era cabível dentro de paradigmas revolucionários.

9. Grossmann, cit., p. 233.

10. Ibidem, p. 256.

11. Ibidem, p. 233.

12. Ibidem, p.240.

Em sua teoria, o militarismo tem duas funções: 1) botar em funcionamento o próprio processo de acumulação através da coerção; 2) ser uma área de acumulação do capital. Da “acumulação primitiva” ao imperialismo, o militarismo sempre esteve presente, mas o desenvolvimento das forças produtivas, da indústria bélica especificamente, incluiu-o como mais um campo da acumulação.

Para entender como isso funciona é preciso ter em mente os pontos de partida de Rosa Luxemburgo. Para ela, a acumulação não pode ocorrer em um sistema fechado, onde só existam trabalhadores e capitalistas, porque os operários não podem realizar a mais-valia e os capitalistas têm uma tendência a reduzir o seu próprio consumo para poder acumular. Assim, são necessários os mercados externos, fronteiras externas da acumulação, conforme exposto acima.

Por exemplo, tenhamos um capital social total de:

$$100c + 20v + 20m = 140^{13}$$

Os operários consomem a parte do produto equivalente aos 20v pagos em salários, 100c são reinvestidos na produção e supomos que 10m – 50% da mais-valia – será consumida pelos capitalistas. Mas quem realiza a parte do produto representada pelos outros 10m que precisam ser direcionados para a produção na forma de capital acumulado? Luxemburgo resolve esse problema com os mercados externos, mas no último capítulo de seu livro, ela encontra uma fronteira interna da acumulação: a indústria bélica produzida pelos impostos indiretos arrecadados dos trabalhadores e dos camponeses.

Rosa enfatiza que esses impostos só abrem um novo campo de reprodução ampliada quando são destinados a material bélico, do contrário são gastos contabilizados no salário dos trabalhadores¹⁴ ou como parte da renda dos capitalistas e, portanto, não realizam mais-valia. Ou seja, se os impostos são retirados dos trabalhadores para sustentar a burocracia estatal, eles apenas redirecionam o consumo dos trabalhadores para os burocratas do Estado, o que não gera nova demanda e não realiza mais-valia.

13. Em que 100 é capital constante, representando as máquinas e matérias-primas, 20 é capital variável, representando os salários e 20 é correspondente à mais-valia produzida.

14. Chamado de capital variável.

Diferente do caso de os impostos serem investidos em material bélico: neste caso, reduz-se o custo de manutenção dos trabalhadores, o que para Luxemburgo é um gasto indesejável para o capital – ele só o faz porque precisa, se puder ser poupado melhor. Ao fazer isso, este valor que seria utilizado para a subsistência do operário vai para o Estado e em seu poder gera uma demanda por armamentos, alta e constante, e é aí que se realiza parte da mais-valia gerada pelo capital.

Se temos um capital social total de $6.430c + 1.285v + 1.285m = 9.000^{15}$ e retiramos $100v$ correspondentes aos impostos indiretos, esses 100 serão reduzidos do produto total do departamento II (meios de consumo). Teremos:

$$I. 4.949c + 989,75v + 989,75 = 6.928,5$$

$$II. 1.358,5c + 270,75 + 270,75 = 1.900$$

Ao retirar 100 do produto total do departamento II, Luxemburgo faz os cálculos de proporção entre os dois departamentos e o que vemos acima é uma redução em todos os componentes do produto social total, gerando um valor de $8.828,5$, ou seja, $171,5$ a menos. No entanto, este valor não deve ser contabilizado para todos os componentes, ele sai inteiramente do trabalhador, portanto, a redução do produto social total não deve ser vista como redução da mais-valia, mas como redução do salário, indiretamente – redução esta que gera uma demanda de $171,5$ em gastos bélicos do Estado. Teríamos:

$$6.430c + 1.113,5v + 1.285m = 8.828,5 \text{ produto social total}$$

Os impostos não trazem apenas a demanda, mas também liberam força produtiva – meios de produção e trabalhadores – da produção dos meios de consumo, porque são menos necessários para uma nova indústria: a da guerra.

Hoje é mais que evidente o quanto o militarismo é uma indústria importante para o capitalismo. Os Estados Unidos têm um exército altamente equipado e os gastos militares perfizeram uma média de $40,2\%$ do gasto militar mundial de 2000 a 2009 , conforme a tabela abaixo retirada de pesquisa do IPEA.

15. Estes esquemas foram retirados dos exemplos da própria Rosa Luxemburgo no capítulo “O Militarismo como Domínio da Acumulação do Capital” do livro *A Acumulação do Capital*.

Variação dos gastos militares – 2000-2009 (em %)							
		Valores absolutos		Valores em relação ao PIB			Percentual médio dos gastos anuais em relação ao gasto mundial
		Gasto de 2009 em relação ao de 2000	Variação anual média	Gasto em 2000	Gasto em 2009	Gasto de 2009 em relação ao de 2010	
1	Itália ¹	-13,3	-0,7	2	1,8	-10	3,2
2	Alemanha	-6,7	-0,3	1,5	1,4	-6,7	3,8
3	Japão ²	-1,3	-0,1	1	1	0	3,7
	Subtotal ^(1 a 3)	-	-	-	-	-	10,7
4	França ³	7,4	1,2	2,5	2,5	0	5,1
5	Reino Unido ⁴	28,1	2,4	2,4	2,7	12,5	4,8
6	Espanha	34,4	2,2	1,2	1,1	-8,3	1,3
7	Brasil	38,7	3,2	1,8	1,6	-11,1	1,7
8	Coreia do Sul ⁵	48,2	4,1	2,6	2,9	11,5	1,7
9	Canadá	48,8	4,2	1,1	1,5	36,4	1,3
10	Austrália	50,2	4	1,8	1,9	5,6	1,3
11	Arábia Saudita ⁶	66,9	5,3	10,6	11,2	5,7	2,3
12	Índia ⁷	67,3	5,1	3,1	2,8	-9,7	2,1
13	Estados Unidos	75,8	5,9	3,1	4,7	51,6	40,2
14	Rússia ⁸	105,4	7,5	3,7	4,3	16,2	3,4
15	China	216,7	13,1	1,9	2,2	15,8	4,7
	Subtotal ^(14 a 15)	-	-	-	-	-	69,9

FONTE: SIPRI (2011). Elaboração própria

Notas:

1 São incluídos os gastos com defesa civil, que geralmente são de 4,5 % do total do gasto militar.

2 Não são incluídos os gastos com pensões militares. Ademais, até 2003 e para o ano de 2009 os dados referem-se ao montante previsto em orçamento, não refletindo necessariamente o gasto efetivo.

3 Os gastos a partir de 2006 passaram a ser calculados a partir de uma nova metodologia.

4 Os gastos a partir de 2001 passaram a ser calculados a partir de uma nova metodologia.

5 Não são incluídos os gastos com três fundos especiais, destinados a: realocação de instalações militares; realocações de bases norte-americanas; bem-estar para as tropas (Welfare for Troops).

6 São incluídos os gastos com a ordem e a segurança pública.

7 Não incluem gastos com atividades militares nucleares. Ademais, são incluídos gastos com a BSF, a CRPF, a Assam Rifles, a ITBP e a SSB.

8 Os dados para a Rússia até 2001 foram calculados a partir da conversão de rublos em PPC para dólares constantes.

OBS: Na terceira e sétima colunas aparece o quanto os gastos em 2009 eram inferiores ou superiores aos de 2000; e na quarta coluna as variações médias para o período. São estimativas do SIPRI: os dados da Rússia e China para todo o período; os dados para a Coreia do Sul até 2003; e os dados da Itália para o período 2007-2009.



Ainda que seus gastos tenham diminuído em relação ao PIB de 1988 para 2010, eles correspondem a quase metade do gasto de todo o mundo¹⁶ em uma conjuntura de inúmeras crises que aconteceram nos anos 2000. Não há como negar que essa infraestrutura militar é responsável em parte pela hegemonia norte-americana hoje.

Mas também ela impulsiona avanços tecnológicos que muitas vezes criam demandas, como aparelhos multifuncionais que não necessitaríamos em outro contexto social, e até ajudam na exploração da força de trabalho, como os celulares inteligentes. Além disso, esse mecanismo atua na dominação das periferias do sistema, tanto internacionalmente quanto dentro dos territórios nacionais.

Assim, conseguimos entender o papel do Estado e da marginalidade do sistema e suas relações com o militarismo, hoje. O Estado serve de agente das políticas de repressão e exploração e atua na reprodução ampliada ao fazer crescer sua demanda por material bélico por causa das políticas repressivas que levam à sua crescente militarização.

Tal militarização é necessária não somente para a acumulação, mas também para o cercamento de suas periferias, permitindo que delas seja extraído o máximo de mais-valia possível, o que nos países subdesenvolvidos significa grande número de trabalhadores com baixa produtividade, devido à baixa tecnologia dos bens de capital, e péssimas condições de trabalho.

Taxa de Lucro

O capital social só existe concretamente como múltiplos capitais. É por isso que Marx explica a tendência ao nivelamento da taxa de lucro dos múltiplos capitais como produto da concorrência entre eles. Sempre buscando postos mais lucrativos, eles acabariam por se distribuir de modo a uniformizar a taxa de lucro. Mas isso jamais ocorre porque concretamente há sempre um desnivelamento desta taxa: os capitais estão sempre em estágios tecnológicos distintos ou áreas diversas e, assim, acontece uma transferência de valor dos menos desenvolvidos ao mais desenvolvido.

Os mercados primitivos funcionam como concorrentes capitalistas de baixa composição orgânica de capital, portanto, como produtores de mais valia transferível aos capitais mais avançados. Eles são, segundo

16. A tabela e o gráfico foram retirados do Texto para Discussão 1754 do Ipea. SILVA FILHO, Edison Benedito da; MORAES, Rodrigo Fracalossi de. Dos “Dividendos da Paz” à Guerra Contra o Terror: gastos militares mundiais nas décadas após o fim da Guerra Fria – 1991-2009. Rio de Janeiro, julho de 2012.

Mandel, como o departamento II da economia, pois na troca entre os departamentos também há desnivelamento. Para Mandel, a concorrência impele os capitalistas a buscarem oportunidades de superlucros.¹⁷ Para ele, uma taxa de lucro nivelada seria uma utopia. Tal busca de mais lucratividade pode ocorrer seja mediante introdução de tecnologia pioneira, seja conquistando áreas periféricas para monopolizar ou mesmo produzir mercadorias (matérias-primas e auxiliares ou mesmo bens de consumo que barateiem a força de trabalho no centro).

O nivelamento da taxa de lucro é uma abstração teórica que permite explicar não propriamente a nivelção, mas o seu contrário. O que interessa no exemplo numérico de Marx, acerca de distintos capitais nivelados por uma taxa de lucro média, é a explicação de como se dá a transferência de valor na circulação mediante a oscilação dos preços acima e abaixo do valor. Trata-se da exploração internacional.

Grossmann se utiliza deste exemplo numérico de Marx em que o país I é asiático e o II é europeu:

$$\text{I. } 16c + 84v + 21m = 121; \text{ TL} = 21\% (\text{Ásia})$$

$$\text{II. } 84c + 16v + 16m = 116; \text{ TL} = 16\% (\text{Europa})$$

Como lembra Grossmann, no mercado internacional não se trocam equivalentes, pois as taxas de lucro são niveladas. O país europeu vende seu produto a preço maior do que o seu valor. O país asiático vende sua mercadoria a preço inferior ao seu valor.

Nivelando-se as duas taxas de lucro (TL) acima, teremos uma média de 18,5%. Assim, o país europeu que venderia seu produto a 116 (vide II), obtém 118,5.

O mesmo vale para as trocas dentro de um mercado nacional, por isso a noção de mercados exteriores de Rosa Luxemburgo, coerente com a hipótese da nivelção das taxas de lucro, engloba tanto a periferia de estados centrais quanto suas áreas internas camponesas.

A mais valia deve ser realizada “individualmente”. Portanto, os capitais buscam sempre trocar com produtores primitivos ou dotados de técnica defasada, sejam eles artesãos ou camponeses do próprio país ou das colônias. O fato de que a produção é primitiva – ou seja, pode encerrar-se em mercados locais – ou ainda baseada em trabalho

17. E. Mandel, “Prefácio”. In Rosa Luxemburgo, *Introdução à Economia Política* (São Paulo, Livraria Martins Fontes, s/d, p.32).

compulsório em nada altera o fato. Os trabalhadores escravos agregam valor ao produto que, ao ingressar no mercado mundial, é realizado. E se não entrar, a mais valia é esterilizada, perdida ou consumida de forma suntuária.

O próprio Henrik Grossmann lembrou que o desenvolvimento da indústria torna cada vez maior a importância das matérias-primas e auxiliares. Sob circunstâncias constantes, a taxa de lucro das empresas aumenta ou diminui no sentido inverso ao preço das matérias-primas. A maquinaria e a ciência aplicada já são controladas pelos países centrais e seu valor se dispersa numa imensa coleção de mercadorias descartáveis. A produtividade incrementada do trabalhador o torna capaz de movimentar a maior massa de matérias-primas.

Assim, à crescente produtividade da maquinaria e do trabalho corresponde um consumo maior de matérias-primas, o que faz cair o valor unitário dos produtos, mas aumenta a demanda por insumos. A tecnologia mais desenvolvida só será usada naquilo que é vantajoso e necessário para o centro, porque, como vimos, é na diferença tecnológica que se transfere a mais valia da periferia para o centro. No exemplo acima, a periferia apresenta taxa de mais valia que é só $\frac{1}{4}$ da europeia.

O papel da periferia é manter elevada a composição orgânica (Q) do capital no país central. De acordo com a fórmula de Marx: $TL = TM/Q+1$

Onde: TL – taxa de lucro; TM – taxa de mais valia; Q – composição orgânica do capital (c/v).

Nos últimos anos, o elemento que tende a aumentar Q é a matéria-prima. Daí a necessária violência contra as periferias, porque é delas que se retiram tais produtos.

É verdade que a exploração de petróleo ou a mineração na periferia utilizou-se de modernos processos tecnológicos no início do século XX.¹⁸ Mas se a composição orgânica do capital ali era maior, nem por isso a tecnologia era usada generalizadamente. Ela só o era na produção específica daquilo que as metrópoles demandavam: *matérias-primas e combustíveis*.

18. Grossmann, cit., p. 327.

Conclusão

Do ponto de vista matemático, a exploração do trabalho na periferia do capital, que como vimos não é apenas internacional mas se encontra internamente às fronteiras nacionais, é menor que no centro já que na primeira a taxa de mais valia é de 25% e no último é de 100%. No entanto, é só com esta diferença de extração de mais valia que o centro consegue manter sua alta produtividade e o direcionamento do capital para si.

A violência “primitiva” do capital é reposta, assim, em muitos sentidos: na exploração com o uso da coerção, baseado na barbárie do exército; no uso de baixas tecnologias para a exploração do trabalho. Por este motivo, a violência aparece em sua crueza nas periferias, ali o capital vai agir de forma mais intensa, porque é dali que ele consegue extrair e realizar o valor necessário à sua reprodução ampliada: dali ele extrai as matérias-primas para alimentar seus equipamentos mais produtivos no centro e ao mesmo tempo produzir produtos de baixa composição orgânica, transferindo os lucros da exploração.